

# Lagoa Bonita, o berço das águas

**Maior lago natural do Distrito Federal é espetáculo para pesquisadores e leigos, mas sofre com a degradação ambiental**

Freddy Charlson  
 Da equipe do Correio

Nem só dos artificiais lagos Paranoá, Descoberto e Santa Maria vive o Distrito Federal. Difícil acreditar? Só mesmo para quem não conhece a variedade de córregos, cachoeiras, corredeiras, lagos e lagoas que enfeitam e fazem a alegria dos amantes dos recursos hídricos e da natureza do Planalto Central. Em suma, a maioria das pessoas que moram por aqui.

Além dos velhos conhecidos e responsáveis por grande parte do abastecimento de água do DF, lugares como a Lagoa Bonita e tantos outros são um convite para ecologistas, pesquisadores, estudantes e famílias passarem o fim de semana longe do ambiente urbano regado ao controle remoto da televisão, uma cervejinha na mão e só.

Os interessados em deixar essa vida devagar, devagarinho para trás têm uma ótima pedida com a Lagoa Bonita, a maior reserva natural de água da região, com seus 1.730 metros de comprimento, 1.390 metros de largura e profundidade de 3,5 m. Também conhecida como Mestre D'Armas, a Lagoa Bonita fica a 40 km de Brasília, entre Sobradinho e Planaltina, com entrada à direita da rodovia BR-020, no sentido Planaltina-Brasília. A lagoa é margeada também pelas rodovias DFs 128, 205 e 345. É uma das pérolas da Estação Ecológica de Águas Emendadas.

O visual é mesmo impressionante. Ao chegar a uma das duas cancelas da entrada, a primeira impressão é de que se vai encontrar mais uma reserva natural cercada de árvores retorcidas,

mato e poeira. As surpresas começam logo no início do caminho com uma vista praticamente aérea da estação do alto do morro onde fica o Centro de Informação Ambiental Luiz Eduardo Alves de Carvalho.

Dando um giro de 360 graus, pode-se vislumbrar todo o conjunto dos diversos tipos de vegetação da estação ecológica. Cerrado simples, campos limpos, matas de galeria, veredas. À esquerda do morro, o que se admira é ainda mais bonito, a própria lagoa.

## FAUNA E FLORA

A visão é clara. As quaresmeiras multicoloridas circundando a porção d'água, as capivaras comendo capim e tomando banho de sol enquanto o tempo passa, preguiçosamente, para elas. O voo rasante dos patos selvagens, o passeio dos lobos-guará — que, em vias de extinção, vivem na mais importante unidade de conservação do DF —, o pouso de pássaros variados nos pés de buriti ao redor e dentro da lagoa. E o que dizer do canto e dança dos beija-flores? Exemplos não faltam para descrever a beleza da fauna e flora do lugar.

Para conhecer melhor, só mesmo dando um passeio pelas trilhas abertas no meio da mata e ao redor da lagoa. Esqueça a idéia, no entanto, se carrapixos, carrapatos e formigueiros forem um problema. Mesmo quase invisíveis, estão em todo o lugar. E se fazem ainda mais vivos no final do passeio quando sua presença — com aquela coceirinha peculiar — torna-se perceptível.

No mais, beleza pura. A Lagoa Bonita é um patrimônio de formosura rara e, melhor, protegido em uma estação ecológica onde as visitas são restritas e monitoradas pelo Instituto de Ecologia e Meio Ambiente (IEMA), marcadas com antecedência e com acompanhamento de guias e professores da Fundação Educacional. Eles ensinam Educação Ambiental aos visitantes.

"Brasília é o berço das águas. Tudo nasce aqui. Temos o privilégio de não receber água poluída de nenhum lugar. Ao contrário, a gente é que exporta água suja ao não respeitar a natureza, drenando as lagoas, aterrando e destruindo. Temos um número de nascentes incalculável", afirma Paulo César Magalhães Fonseca, gerente de ecossistema e vigilância ambiental do Instituto de Ecologia e Meio Ambiente (IEMA).

## DOENÇAS DA LAGOA

Mas nem tudo são flores ou frutos para a lagoa. O habitat sofre bastante. Tem sua saúde comprometida. E pode até desaparecer um dia. "A vegetação aquática acumula-se e as plantas fixam-se na terra. A lagoa vai acabar se transformando num pântano. E a culpa é da ação do

Fotos: André Corrêa



Capivaras são alguns espécimes que formam a fauna da Lagoa Bonita, situada em Águas Emendadas

homem", atesta o professor Antonio José Andrade Rocha, 52 anos, doutor em recursos hídricos e coordenador do departamento de Meio Ambiente da Universidade Católica de Brasília.

Antonio Rocha é autor de um plano de ação emergencial que visa a recuperação das áreas degradadas da Estação Ecológica de Águas Emendadas, a casa da lagoa. Em dezenas de páginas o documento lista problemas que incomodam e ameaçam a porção de água. A lista começa com o assoreamento de fazendas próximas. (O ato de limpar um terreno para plantar causa problemas quando a chuva carrega o solo para a lagoa. A vegetação desenvolve-se na água.)

O assoreamento é só o começo. O uso de fertilizantes e inseticidas também compromete a saúde de Bonita. A invasão de capim gordura — entre outros

tipos de capins — na periferia da lagoa pode causar incêndios florestais, o plantio de eucaliptos na periferia retira a água do solo e diminui o volume disponível para abastecê-la.

Há ainda cinco mil pés de mangá plantados por fazendeiros na área (e que incentivam moradores de chácaras e condomínios vizinhos a invadir a estação para roubar as frutas). O desmatamento das veredas para plantação e a introdução de espécies exóticas de peixe, como o tucunaré, são outros aspectos que dificultam a sobrevivência da lagoa.

## CORREDOR ECOLÓGICO

O professor tem um carinho especial pelo lugar. "Estamos em um platô, e as águas daqui vão para as três maiores bacias hidrográficas da América Latina (Platina, São Francisco e Tocantins). A lagoa é importante como prove-

dora de água do rio São Bartolomeu. Forma o ribeirão Mestre D'Armas, vai descendo e junta com o rio Pípiripau para formar o São Bartolomeu", considera o estudioso sobre a nascente de água "internacional", um corredor ecológico onde peixes e organismos aquáticos podem migrar de um rio para outro.

E não é só. A Lagoa Bonita é um lugar de rara beleza. Onde o visitante pode observar, enumerar e deliciar-se com uma vegetação típica do cerrado, como o mandiocão, a paineira do campo, a favela, a lobeira (que dá o fruto preferido dos lobos-guarás), o pequi, a cagaite e o murici.

E o que falar dos animais? Suçuaranas, antas, veados, araras, periquitos, tamanduás, capivaras e tantos outros? Espetáculo para os olhos e um motivo mais do que justo para sair do sofá no fim de semana. Ou não?

## PARA SABER MAIS

### REGISTROS SÃO DE 1857

A primeira menção histórica que se tem notícia em relação a Águas Emendadas é de 1857. O Memorial Orgânico de um certo Visconde de Porto Seguro menciona um triângulo formado pelas lagoas Formosa, Feia e Mestre D'Armas. Trinta e cinco anos depois, o astrônomo Luiz Cruls, diretor do Observatório Astronômico do Rio de Janeiro, chefiou a Comissão Exploradora do Planalto, conhecida como Missão Cruls, que visitou a área.

O objetivo do grupo era demarcar os 14.400 km<sup>2</sup> de terra estabelecidos pela Constituição de 1891 e discutir a sede da futura capital. Foi o primeiro mapeamento e levantamento do sítio da capital. Eles visitaram o terreno onde hoje existe a estação. Os recursos hídricos foram considerados excelentes e adequados ao abastecimento.

"A esta qualidade primordial do Planalto convém acrescentar a abundância dos mananciais d'água pura, dos rios caudalosos cujas águas podem chegar facilmente às extensas colinas que nas proximidades, se vão elevando com declives suavíssimos. Nada pois deixa a desejar este elemento indispensável para o consumo de uma grande cidade, ainda quanto ao mais remoto futuro...", disse o doutor Cruls no relatório da missão que levou seu nome.

O tempo passou. E em janeiro de 1966, Ezequias Paulo Heringer, coordenador de Recursos Naturais do DF, convidou vários estudiosos a visitar um local onde sonhava estabelecer uma área de preservação. Logo depois, foi montada uma comissão para criar o Parque de Águas Emendadas. No ano seguinte, a Novacap informou que a área do parque compreendia sete fazendas que deveriam ser desapropriadas.

A Reserva Biológica de Águas Emendadas foi finalmente criada em 12 de agosto de 1968, através do decreto 771. Com o perímetro de 10.547,21 hectares. O documento considerou a Lagoa Bonita como parte integrante da reserva. A desapropriação das fazendas também foi prevista, por via amigável ou judicial. Em 16 de junho de 1988, o decreto 11.137 transformou em Estação Ecológica o que era Reserva Ecológica.

Uma das atrações de Águas Emendadas, a Bonita fica na sub-bacia do ribeirão Mestre D'Armas e é uma das principais lagoas da Bacia do Rio São Bartolomeu — a de maior área do DF e que colabora para a formação da Bacia do Paraná —, onde ficam as cidades de Sobradinho, Paranoá, Santa Maria, São Sebastião e Planaltina. (F.C.)

## HABITAT

### FAUNA TERRESTRE

Animais que vivem à margem da lagoa ou que procuram a água para buscar alimentos, esconder-se e reproduzir-se. Exemplos: capivara, anta, veado.

### AQUÁTICA

Peixes — Não há peixes nativos na região, além da traíra. O tucunaré, natural da Amazônia, foi introduzido na lagoa antes da desapropriação das terras por fazendeiros que criavam os peixes em tanques.

Plâncton — Organismo visível só ao microscópio, serve de alimento para os peixes

### FLORA NA ÁGUA

Algas e plantas aquáticas (aguapé)

### AS MARGENS

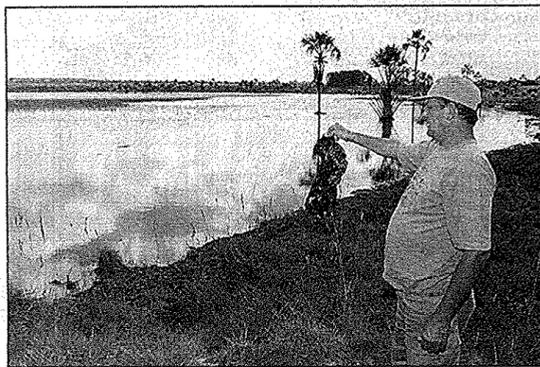
Plantas e flores típicas do cerrado, buritis

# O caçador dos homens sem consciência

A mulher, a dona-de-casa Vandira, 49 anos, já nem reclama mais da ausência dele, o marido. Cansou. Os filhos o acompanham sempre que podem. Também, pudera, foram criados no meio do mato, na lagoa, amando a natureza e aprendendo a proteger os animais. E ele, então, não quer ter outra vida até a morte. É assim que vive o chefe da fiscalização da Estação Ecológica de Águas Emendadas, Miguel Gonçalves, 52 anos.

Camarada e sempre pronto para responder a qualquer pergunta relacionada às Águas Emendadas ou à lagoa, o sabido e faz-tudo Miguel — também chefe da brigada de combate a incêndio florestal voluntário — caminha o dia inteiro pela estação. Em cada caminhada, olhar atento para todos os lados.

Ele olha para os ninhos de pássaros, os esconderijos das capivaras, o lixo deixado por visitantes e invasores, as flores caídas no chão, a sujeira às margens da lagoa. E incomoda-se a cada dia com a Bonita que, segundo ele, está ficando mais rasa e menor.



Miguel segura saco plástico utilizado como disfarce por pescadores

"Desconfio que é por causa da falta de chuva, do aumento dos poços artesianos e do assoreamento. De 1968 para cá, ela baixou pelo menos um 1,5 m no nível e perdeu uns 4 m nas margens", entristece-se o homem que trabalha na estação desde 25 de maio de 1968, ou seja, desde a criação da estação. Mas Miguel não fica triste somente com a diminuição de Lagoa Bonita. O sentimento é o mesmo quando

encontra formigueiros e ninhos destruídos, pássaros mortos ou esqueletos de capivaras.

Suas amigas até reconhecem a voz e o barulho de motor do jeep do chefe da fiscalização. Só assim, elas deixam os visitantes aproximarem-se. "É eu, danada, é eu. Está me estranhando?", ele conversa com os animais com o carregado sotaque goiano.

O tom amável só cede lugar à revolta quando ele descobre mais

um animal morto. "É horrível essa destruição da natureza. É como se um amigo morresse. Brinco, converso, amamos as capivaras. Não se pode fazer uma coisa dessas", diz sobre as 80 capivaras que vivem e refrescam-se à beira da lagoa. Algumas com até 80 kg. Justamente o que atrai os caçadores — em dezembro passado, seis capivaras foram mortas — mesmo com toda a gordura da carne do bicho.

## PESCADORES

Os invasores que se metem a pescar são outro inimigo da natureza. Isso apesar das placas com os dizeres *É Proibido Pescar e É Proibido Caçar* multiplicarem-se. "Já prendi muito cabra que invadiu a estação para pescar. Fui até ameaçado de morte várias vezes", conta.

Os agressores atravessam os limites da estação — apesar da vigilância dos funcionários e soldados da Polícia Florestal —, pulam as cercas de arame farpado, enchem botes de borracha e pescam tucunarés a noite inteira. O chefe da fiscalização já encon-

trou barcos, canoas, redes e tarrafas pela área. "Eles chegam ao cúmulo de se camuflarem com sacos pretos de lixo. Fica difícil encontrá-los no meio da noite."

Além de cuidar dos animais, recolher o lixo, acabar com as queimadas e espantar pescadores ilegais, Miguel Gonçalves busca a própria felicidade em seu trabalho. Afinal, ele passa muito mais tempo na estação — chega às 6h30 e sai, invariavelmente, à 1h — do que na casa onde vive com a mulher e os quatro filhos no setor tradicional de Planaltina. Protegendo e aprendendo com a natureza.

E Vandira não reclama mais da vida que o marido leva. Confrontou-se em dividi-lo com a estação, a lagoa, a natureza. Entendeu que não adiantaria reclamar. Teimoso, Miguel ia ficar, de qualquer jeito, o tempo que pudesse no meio do mato. O que significa o máximo de tempo possível. "Sou um homem feliz. Ganho um salário razoável fazendo o que gosto em um lugar que amo", confessa. Há coisa melhor? (F.C.)